



EM CENA: O TEATRO DO PATEO PARA A CIDADE

Apresentações teatrais no
Pateo reedificado



REALIZAÇÃO:



PATEO DO
COLLEGIO



JESUITAS BRASIL

APOIO:



FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL



Fundação
Energia e
Saneamento

EM CENA: O TEATRO DO PATEO PARA A CIDADE

As apresentações teatrais no Pateo reedificado

No “Em Cena” online de maio, o nosso visitante virtual poderá conhecer, com mais detalhes, algumas das principais apresentações teatrais do Pateo do Collegio reedificado que compõem a exposição “Em cena: o teatro do Pateo para a cidade”.

Para a pesquisa, a equipe recorreu ao acervo da Biblioteca Pe. Antônio Vieira, que possui recortes de jornais, programas e fotos dessas apresentações, e de material de outras instituições disponível online, com acesso público.

Aos interessados em teatro, sejam os profissionais ou a plateia, esse conteúdo é muito rico ao trazer produções de décadas diferentes, com diretores e atores que fazem parte da história do teatro no Brasil, e principalmente na cidade de São Paulo.

Para aqueles que quiserem se aprofundar no tema, conhecendo mais sobre essas peças e suas produções, o material dessa pesquisa pertencente à nossa biblioteca está à disposição.

Boa visita ao “Em cena” de maio!

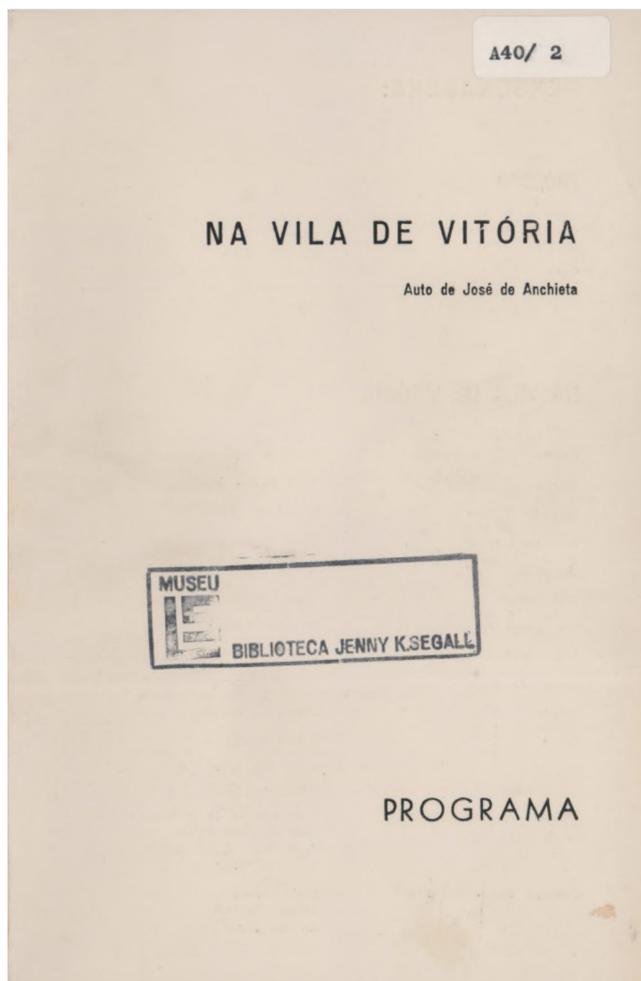
Na Vila de Vitória, 1965

Auto de José de Anchieta, direção de Alfredo Mesquita

Produção: Escola de Arte Dramática de São Paulo

Patrocínio: Comissão Nacional para as Comemorações do “Dia de Anchieta”

Apresentação: 28/08/1965, sábado, 21h, no torreão (atual oratório da Igreja de São José de Anchieta).



A encenação fez parte da programação do Dia de Anchieta, no ano em que foi criado o Dia de Anchieta através do Decreto nº 55.588, de 18 de janeiro de 1965, e nomeada a Comissão Nacional para as Comemorações do “Dia de Anchieta”. No ano seguinte, em 24 de dezembro de 1966, foi sancionada a Lei nº 5.196, pelo Presidente da República, Humberto Castello Branco, instituindo o Dia de Anchieta a ser comemorado no dia 09 de junho nas escolas primárias e médias do País. Essas comemorações duravam, geralmente, toda a semana do dia 09, o que deu origem ao termo “Semana Anchieta”. A efeméride proporcionou que a dramaturgia do homenageado passasse a ser mais estudada pelos especialistas e reproduzida em espetáculos apresentados em instituições culturais e educacionais.

Programa da peça *Na Vila de Vitória* disponível em: <http://mls.bireme.br/d/anchnvv/1965/anchnvv65prg01.pdf>

O que os jornais da época noticiaram

“Auto de Anchieta será levado ao Pátio do Colégio

O espetáculo vem sendo preparado há meses, para que possa ilustrar uma das facetas mais ricas do talento do ‘Apóstolo do Brasil’. Teatro de cunho apologetico, tendo por missão não só converter os indígenas, mas também manter os portugueses nos ensinamentos cristãos, êle foi fundamental para a tarefa colonizadora nos primórdios do País.”

Trecho de recorte de jornal de 24/08/1965.

“A EAD em auto de Anchieta no Pátio do Colégio

Sob os auspícios da Comissão Nacional para as Comemorações do ‘Dia de Anchieta’, o elenco da Escola de Arte Dramática de São Paulo apresenta, hoje, às (sic) 21 horas, no Pátio do Colégio, o auto “Na Vila de Vitória” dirigido por Alfredo Mesquita.

A proposta da montagem, disse-nos o encenador que, das obras anchietanas que leu, essa lhe parece a mais teatral, a mais movimentada, ensejando, portanto, um espetáculo de maior eficácia sobre o público. O auto se lhe afigura cenicamente melhor do que ‘Na festa de São Lourenço’, que a EAD apresentou em 1960. Como o original é bilingue, Hélio Lopes adaptou para o português os diálogos em espanhol. Apenas o embaixador que vem do Paraguai fala em castelhano, o que dá, no caso, maior comicidade ao papel.

MÉRITO

Afirma Alfredo Mesquita: ‘Com a montagem de Na Vila de Vitória, cheguei à conclusão de que Anchieta tinha uma real ideia a respeito de teatro e de psicologia. Não se pode simplesmente considerar primitivas as personagens, mas os papéis são bem caracterizados, como se observa na diferenciação dos diabos Lúcifer e Satanás. Ambos atingem ótimos efeitos cômicos, da mesma forma que a Ingratidão. O auto atua de fato sobre o público popular, ao qual se dirigia. Os papéis sérios da peça são o Governo, a Vila de Vitória, e as três personagens religiosas – Amor de Deus, Temor de Deus e São Maurício.’

[...]

APRESENTAÇÕES

A escolha do Pátio do Colégio para a estréia de ‘Na Vila de Vitória’ foi expressiva. Ali Anchieta fundou a cidade de São Paulo, tendo essa homenagem especial significado. O auto será levado, a seguir, a Santos, São Vicente, Itanhaém, São Sebastião, Ilhabela e Ubatuba. O espetáculo encerrará os festejos do IV Centenário do Rio de Janeiro, e irá ainda a Vitória, para participar das comemorações do aniversário da cidade.

No Pátio do Colégio, instalaram-se 200 cadeiras, havendo lugar, ainda, para que o público possa acompanhar de pé o espetáculo.”

Trecho de reportagem do jornal O Estado de São Paulo, de 28/08/1965.



Figurino e personagens da peça *Na Vila de Vitória*

Na festa de São Lourenço, 1978

Auto de José de Anchieta, direção de Teresa Thiériot

Produção: Teko-Ha, do Curso Macunaíma

Patrocínio: Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Teatros de São Paulo; copatrocínio: Sociedade Brasileira de Educação

Apresentação: 25 a 29/01; segunda temporada: 18/02 a 19/03, sábados, 20h e 22:30h; domingos, 18h e 21h, na Igreja do Pateo do Collegio.

Em 1978 o Pateo do Collegio ainda não havia sido inaugurado, mas, eventos culturais e religiosos já eram realizados no local; o auto “Na festa de São Lourenço” fez parte das comemorações da Prefeitura de São Paulo para o aniversário de 424 anos da cidade. O espetáculo estava programado para ficar em cartaz por cinco dias, mas teve sua temporada prorrogada diante do sucesso junto ao público.



Encenação do auto *Na festa de São Lourenço* na igreja do Pateo do Collegio

O que os jornais da época noticiaram

“Auto de Anchieta volta a cartaz

‘Na festa de São Lourenço’, o auto de Anchieta montado no Pátio do Colégio, em homenagem aos 424 anos da fundação de São Paulo, voltou a ser apresentado nos fins de semana por decisão do secretário municipal de Cultura, que considerou o êxito alcançado junto ao público e a significação histórica, literária e sociológica da obra. Escrita em 1587, a peça vale, segundo sua

diretora Teresa Thiériot, 'como uma contribuição à cultura brasileira, por reunir elementos que ajudam a compreender a cultura brasileira do século XVI'. [...]

Segundo Teresa Thiériot, trata-se da mais teatral, em termos dramatúrgicos, das peças de Anchieta. A diretora não se preocupou, como disse, em reconstruir rigorosamente uma encenação do século XVI, mas concebê-la 'para a São Paulo de 1978'. As alterações foram, porém, apenas formais. O texto, o espírito e a estrutura dramática foram mantidos intactos, com a diferença de que, ao castelhano e ao tupi-guarani, do original, foi acrescentado o português, na versão metrificada do Pe. Armando Cardoso S.J."

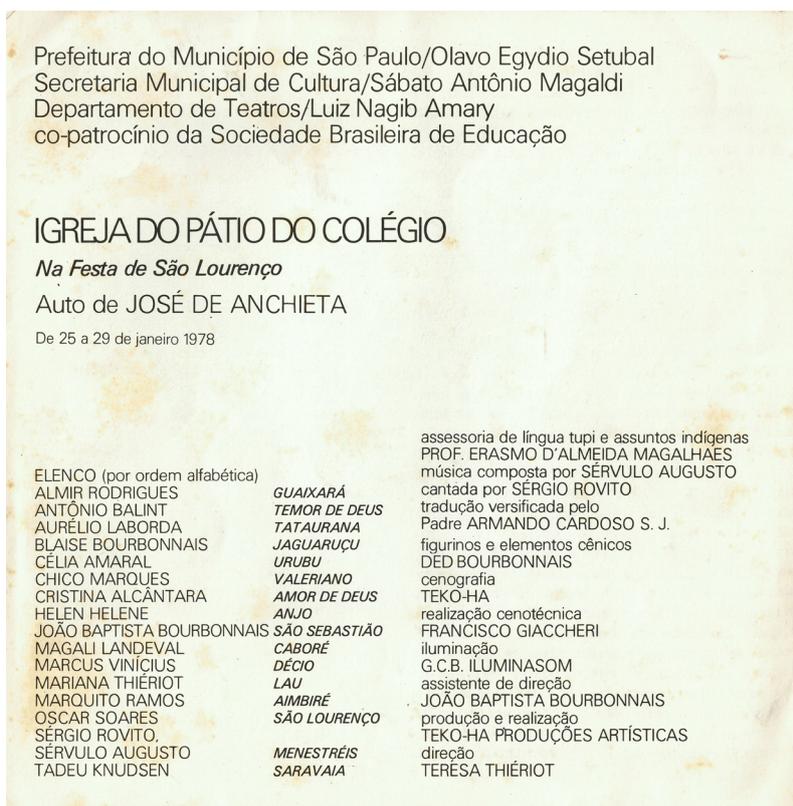
Trecho de reportagem do jornal O Estado de São Paulo, de 25/02/1978.

"Retrato de Anchieta numa frágil redução

Qual é o interesse de um texto de José de Anchieta para o espectador contemporâneo? Naturalmente a questão é muito simples e comporta infinitas soluções quando aplicada sobre uma obra rica de significações. Mas, no caso desses singelos autos dedicados à expansão de uma crença, o espectro de sugestões modernas é forçosamente reduzido.

Antes de mais nada interessa, hoje e sempre, o homem na história. Para o presente, a literatura de Anchieta é testemunho concreto de uma forma de participação europeia na nossa formação cultural. O trabalho do jesuíta é a primeira contribuição interessada que transcende o nível predatório de outras incursões em terras brasileiras."

Trecho da reportagem do jornal O Estado de São Paulo, de autoria de Mariângela Alves de Lima, de 14/03/1978.



Capa do programa da peça *Na festa de São Lourenço*

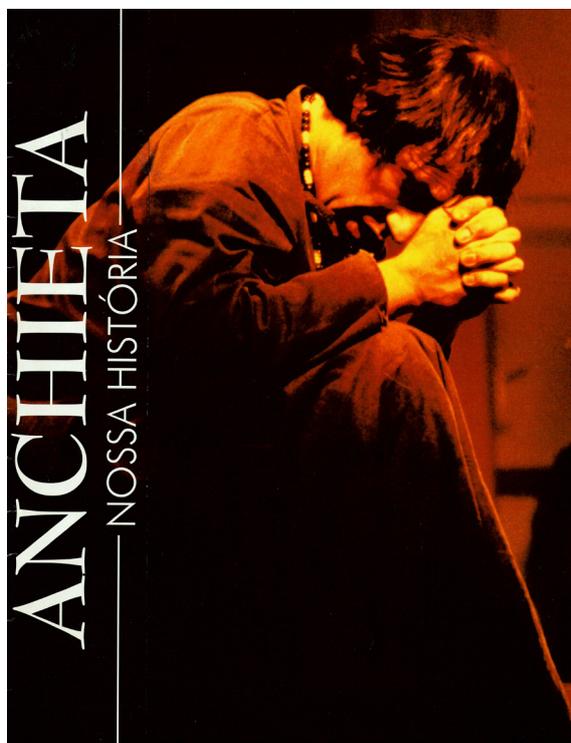
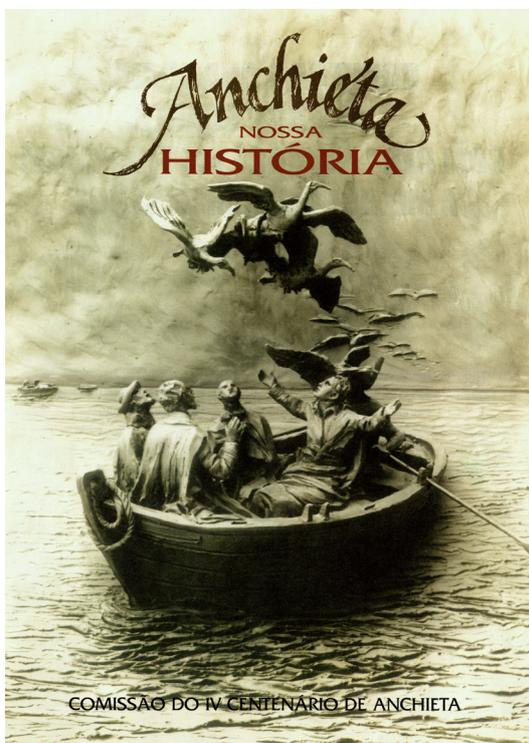
Anchieta, nossa história, 1997

Texto de Alceste Mandella e Alzira de Andrade, direção de Denise Del Vecchio

Produções: Comissão do IV Centenário de Anchieta (1997); Associação Internacional Anchieta e Pateo do Collegio (2001)

Patrocínios: Telesp, Sistema Telebrás - Lei Rouanet (1997); Petrobrás - Lei Rouanet (2001)

Criado para fazer parte das comemorações do quarto centenário da morte de Anchieta, em 1997, sob a coordenação do Pe. César Augusto dos Santos, SJ, o espetáculo teve duas temporadas brasileiras e uma temporada em Portugal. O espetáculo foi a estreia de Maria Fernanda Cândido como atriz, e em sua segunda temporada, em 2001, consolidou o Pateo do Collegio - nomeado efemeramente nesta época como Centro Cultural Pateo do Collegio - como um complexo histórico, cultural e religioso de tradição e prestígio na realização de eventos culturais. As duas temporadas brasileiras tiveram o mesmo elenco e coordenação, e foram apresentadas na Igreja São José de Anchieta e em outros locais da cidade de São Paulo.



Capa dos programas da peça Anchieta, nossa história, de 1997 e de 2001

Trecho das memórias da diretora Denise Del Vecchio

“No hotel reencontrei Maria Fernanda Cândido que também estava em Como uma Onda. Maria Fernanda era uma menina que eu tinha conhecido anos atrás numa peça de teatro produzida pelos padres jesuítas, sobre a vida do Padre José de Anchieta para comemorar o IV Centenário de Anchieta. Fui convidada pelo padre César Augusto, homem culto e sensível, para dirigir e levei um susto, porque, com meu passado e formação nunca fui muito próxima de questões religiosas. Fui honesta com o padre e disse que achava não ser a pessoa mais indicada para dirigir o trabalho. Ele, então, me fez uma pergunta e me propôs um desafio: se eu acreditava em Deus, e em caso de resposta positiva, se aceitava fazer o retiro espiritual de Santo Inácio. Para um iniciante, são oito dias sem falar, meditando e estudando a Bíblia. Eu aceitei, e Maria Fernanda

fez parte desse grupo, porque tinha estudado no Colégio São Luís e o padre a conhecia, assim como sua família. Ela trabalhava como modelo, era uma ótima aluna, e ele sugeriu que ela fizesse parte do elenco. [...] Fomos para o retiro, e a experiência do silêncio foi extremamente enriquecedora. Ela cobra uma disciplina e um autocontrole que normalmente não temos. Somos derramados, verborrágicos, perdulários com a palavra, e lá se vive a experiência da contenção, do pensamento, da meditação, do valor e do significado da palavra. Quer algo mais apropriado para o teatro? [...] Resolvi que dirigiria o espetáculo dando ênfase à fundação da cidade de São Paulo, que tem sua origem num colégio. Pudemos fazer esse trabalho dentro da igreja do Pátio do Colégio e o levamos para Coimbra, em Portugal. Lá tive a oportunidade de aumentar o espetáculo acrescentando oito atores portugueses ao elenco brasileiro, o que reforçou os aspectos da colonização portuguesa. Teve grande receptividade.”

Trecho do livro “Denise Del Vecchio: memórias da Lua”, de Tuna Dwek. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. pp. 159-161.

Acesso: <https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.246/12.0.813.246.pdf>

O anúncio, 2000

Peça de Paul Claudel, direção de Marco Ribeiro

Produção: Centro Cultural Pateo do Collegio, Projeto Teatro no Pateo

Patrocínio: Petrobras – Lei Rouanet

Em cartaz: de 07/04 a 06/05/2000, de quinta a sábado, às 21h, na antiga cripta do Pateo do Collegio.

Em fins dos anos 1990 e início do ano 2000, a Província Brasil Centro-Leste destinou dois jesuítas para o Pateo com o objetivo de transformarem o espaço em um centro cultural. Desde o início da reconstrução até a inauguração do Museu Anchieta, em 1979, os eventos culturais eram pontuais e realizados nos espaços ainda por terminar. Na década de 1980 o forte foram os concertos na igreja já concluída e de acústica perfeita. Mas, ainda havia muito potencial a ser explorado...



Antiga cripta do Pateo do Collegio, local da encenação da peça *O anúncio*



O Projeto Teatro no Pateo, idealizado pelo Diretor de Projetos e Recursos do Pateo do Collegio, à época, Pe. César Augusto dos Santos, SJ, marcou a retomada do Pateo do Collegio como espaço de cultura aberto à população. A peça “O anúncio”, encenada na cripta, inaugurou a utilização do local, originalmente de funções religiosas e mantido fechado desde a reconstrução, para um novo espaço de cultura na cidade. O sucesso do projeto foi tamanho, que a peça ficou em cartaz por mais de três meses além da programação inicial.

Capa do programa da peça *O anúncio*, do ano 2000.

Savitri, um episódio do Mahabharata, 2024

Libreto de Gustav Holst

Direção musical: Thiago Tavares

Regência: Thiago Tavares e Alessandro Sangiorgi

Direção cênica: Keila Bueno

A apresentação, que ocorreu no dia 30 de novembro de 2024, na Igreja São José de Anchieta, é fruto da parceria do Pateo do Collegio com a Fundação Theatro Municipal de São Paulo. As instituições dialogam há décadas para a promoção cultural na cidade de São Paulo e desde 2024 estabeleceram séries de concertos realizados por alunos e profissionais da Escola Municipal de Música de São Paulo, movimentando com uma intensa programação o centro histórico da capital paulista.

Além de usar toda a capacidade atual do Ópera Studio, a escolha do Pateo do Collegio como local de apresentação foi muito relevante: o Pateo do Collegio foi a primeira Casa de Ópera da cidade de São Paulo, e abrigou, ainda no período colonial, um altar colateral em sua igreja dedicado à devoção às sete velas, onde as mulheres da cidade rezavam pelo retorno de seus maridos das excursões bandeirantes. O tema tem relação direta com o enredo da ópera, que compreende um episódio do Mahabharata, um dos poemas épicos mais importantes da literatura indiana e mundial, além de ser o mais longo da história, com cerca de 100 mil versos escritos em sânscrito há mais de dois mil anos.



Encenação da peça *Savitri* na Igreja São José de Anchieta